



**JULIANA APARECIDA DA CRUZ**

**A VARIAÇÃO LEXICAL EM MINAS GERAIS NOS DADOS  
DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL: UMA  
PERSPECTIVA GEOLINGUÍSTICA DA ÁREA SEMÂNTICA  
FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS E ASTROS E TEMPO**

**LAVRAS – MG  
2022**

**JULIANA APARECIDA DA CRUZ**

**A VARIAÇÃO LEXICAL EM MINAS GERAIS NOS DADOS DO PROJETO ATLAS  
LINGUÍSTICO DO BRASIL: UMA PERSPECTIVA GEOLINGUÍSTICA DA ÁREA  
SEMÂNTICA FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS E ASTROS E TEMPOS**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Letras – Português/ Inglês e suas literaturas, para a obtenção do título de Licenciada.

Profa. Dra. Raquel Márcia Fontes Martins  
(Orientadora)  
Prof. Dr. Valter Pereira Romano  
(Coorientador)

**LAVRAS – MG  
2022**

**JULIANA APARECIDA DA CRUZ**

**A VARIAÇÃO LEXICAL EM MINAS GERAIS NOS DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL: UMA PERSPECTIVA GEOLINGUÍSTICA DA ÁREA SEMÂNTICA FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS E ASTROS E TEMPO**

**LEXICAL VARIATION IN MINAS GERAIS IN DATA FROM THE LINGUISTIC ATLAS PROJECT OF BRAZIL: A GEOLINGUISTIC PERSPECTIVE OF THE SEMANTIC AREA ATMOSPHERIC PHENOMENA AND ASTROS AND TIMES**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Letras – Português/ Inglês e suas literaturas, para a obtenção do título de Licenciada.

APROVADA em 14 de abril de 2022.

Mestra. Amanda Chofard - UFSC

Mestra. Laíza Aparecida de Lima Mendonça - UFLA

Profa. Dra. Raquel Márcia Fontes Martins  
(Orientadora)  
Prof. Dr. Valter Pereira Romano  
(Coorientador)

**LAVRAS – MG  
2022**

## AGRADECIMENTOS

À Deus, por me possibilitar chegar até aqui, por mais que o caminho tenha sido difícil me deu forças e coragem para vencer todos os obstáculos.

Aos meus pais, Fátima e Osvaldo, que, não mediram esforços para que eu realizasse meus sonhos, com humildade me ensinaram a valorizar e agradecer por cada conquista em minha vida. A vocês, toda minha gratidão.

As minhas irmãs, Mariana e Daniela, pela compreensão, pela ajuda e por todo o amor e carinho dedicados a mim durante os anos de graduação.

Ao meu noivo, Matheus, que, sempre me incentivou a crescer e alçar voos maiores. Esteve ao meu lado, apoiando no que foi necessário.

À Universidade Federal de Lavras, por todos os ensinamentos e aprendizados que, proporcionaram meu crescimento pessoal e profissional.

Aos professores que passaram pela minha trajetória na Universidade, em especial ao Valter e a Raquel, que acreditaram no potencial e foram fundamentais para a construção do presente trabalho. A vocês, toda minha admiração.

## RESUMO

Este trabalho insere-se na área de pesquisa da Geolinguística, que busca estudar a língua em sua heterogeneidade, sobretudo, em seu contexto geográfico. Esta pesquisa, de caráter geolinguístico, objetiva analisar variantes lexicais para denominar *Arco-íris* e *Estrela cadente*, oferecendo dados a respeito para que seja possível descrever as particularidades dialetológicas do Estado e também, realizar levantamento dos falares de Minas de modo a proceder um tratamento geolinguístico para o corpus. Para tanto, foram utilizados dados constantes do corpus do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) com foco nas questões do questionário Semântico-Lexical: QSL 017 – Arco – íris e QSL 031 – Estrela Cadente (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001). As variantes encontradas no corpus são comparadas com as encontradas nas cartas linguísticas 1 e 22 do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG (RIBEIRO *et al.* 1977), à vista da proposta dialetal realizada por Zágari (2005 [1998]). O estudo revelou um processo de mudança linguística em progresso, com variantes ocorrendo exclusivamente na fala de pessoas de faixa etária mais avançada. Assim, é evidente uma variação diageracional, nos dados do Projeto ALiB, tendo em vista que as variantes utilizadas pelas pessoas mais velhas estão deixando de fazer parte do léxico dos falantes, e no EALMG essas variantes eram mais produtivas, conforme pode-se observar nas cartas linguísticas selecionadas para a análise.

**PALAVRAS CHAVES:** Atlas Linguístico. Projeto ALiB. Variação Lexical. Minas Gerais.

## ABSTRACT

This work is part of the research area of Geolinguistics, which seeks to study the language in its heterogeneity, above all, in its geographical context. This research, of a geolinguistic nature, aims to analyze lexical variants of to name Rainbow and Shooting Star, offering data about it so that it is possible to describe the dialectological particularities of the state and also to carry out a survey of the speeches of Minas to proceed with a geolinguistic treatment. for the corpus. For this purpose, data from the corpus of the Linguistic Atlas of Brazil Project (ALiB) were used, focusing on the questions of the Semantic-Lexical questionnaire: QSL 017 – Arco – Iris and QSL 031 – Shooting Star (NATIONAL COMMITTEE OF THE ALiB PROJECT, 2001). The variants found in the corpus are compared with those found in linguistic letters 1 and 22 of the Sketch of a Linguistic Atlas of Minas Gerais - EALMG (RIBEIRO *et al.* 1977), because of the dialectal proposal made by Zágari (2005 [1998]). The study revealed a process of linguistic change in progress, with variants occurring exclusively in the speech of older people. Thus, a diagenational variation is evident in the data from the ALiB Project, considering that the variants used by older people are no longer part of the speakers' lexicon, and in the EALMG these variants were more productive, as can be seen in the linguistic letters selected for analysis.

**KEYWORDS:** Linguistic Atlas. ALiB project. Lexical Variation. Minas Gerais.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>9</b>
2.1 O estudo geolinguístico no Brasil	9
2.2 O projeto Atlas Linguístico do Brasil	10
2.3 A variação linguística em Minas Gerais	11
<b>3. MATERIAIS E MÉTODOS</b>	<b>12</b>
<b>4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>15</b>
4.1 Arco – íris	15
4.2 Estrela Cadente	20
<b>5. CONCLUSÃO</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>28</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Quem nunca teve o sonho de chegar ao final de um arco-íris e encontrar um pote de ouro? Ou de ver uma estrela cadente passando e fazer um pedido na esperança de que seja realizado? Para além, da meteorologia, esses fenômenos também carregam consigo muita história. Os fenômenos atmosféricos são conhecidos por muitos mitos que tentam explicar a sua ocorrência. Na mitologia grega, Iris era a mensageira da deusa Juno, que vinha do céu caminhando pelo arco (LABORATÓRIO DE ENSINO DE ÓPTICA, 2022) já pela Física, o arco – íris é “um problema de Óptica, claramente examinado e provado por René Descartes, o mesmo que idealizou o fantástico experimento de separação da luz do sol (luz branca) em sete diferentes cores, através do prisma” (LABORATÓRIO DE ENSINO DE ÓPTICA, 2022). Seja pela mitologia, seja pela física, o arco-íris é muito admirado pelas pessoas e um ótimo jeito de terminar um dia chuvoso.

Outro fenômeno atmosférico que também é cheio de causos é a Estrela Cadete. Dizem que se fizer um pedido quando ela passar, o pedido será realizado. Na mitologia grega, a deusa titã Astéria era adorada pelos gregos como a deusa das estrelas cadentes, associada a adivinhação dos sonhos e à adivinhação por estrela (como a astrologia, hoje) (MITOS E LENDAS, 2020). Afora as explicações físicas ou mitológicas o arco-íris e a estrela cadente recebem denominações diferentes, dentro de um mesmo Estado, por exemplo, e ainda mais variações de um Estado para o outro. Neste trabalho, será discutido as diferentes variantes para os fenômenos atmosféricos *Arco-íris* e *Estrela Cadente* no Estado de Minas Gerais.

Os estudos das variantes lexicais são o ponto de partida para a construção dos atlas linguísticos, com base nessas análises é possível mapear, por exemplo, o Estado de Minas Gerais, detalhando os traços linguísticos dos dialetos mineiros. Este trabalho procura contribuir com o mapeamento do estado buscando as variantes lexicais acerca da área semântica dos fenômenos atmosféricos, do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), tomando também como material de estudo as cartas linguísticas do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG, publicado em 1977 pelos idealizadores José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini e Antônio Pereira Gaio. O EALMG caracteriza-se como uma pesquisa realizada em área rural, que teve o propósito de demonstrar as práticas de linguagem do Estado de mineiro na década de 1970. Essa pesquisa baseia-se em métodos da Geolinguística para que as pesquisas de campo fossem realizadas, por meio da aplicação de um questionário específico e com as entrevistas sendo gravadas (AGUILERA, 2005, p.47).



Desse modo, esta pesquisa tem como objetivo analisar as variantes lexicais para denominar os fenômenos atmosféricos no estado Minas Gerais por meio da comparação dos dados apresentados no EALMG, em relação às variantes lexicais da área dos fenômenos atmosféricos a partir dos dados levantados pela equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), sendo esta, uma pesquisa realizada em âmbito urbano, para a realização de um Atlas linguístico nacional.

Este trabalho se refere a um dos resultados do Projeto “Os falares de Minas Gerais nos dados do Projeto ALiB” elaborado entre os anos de 2016 a 2019, pelo professor Valter Pereira Romano na Universidade Federal de Lavras – UFLA. O projeto Falares teve como seu principal objetivo os estudos em relação a variação linguística do Estado com base na proposta dialetal desenvolvida por Zagari (2005 [1998]) e ainda como desdobramento do projeto de iniciação científica voluntária desenvolvida no âmbito do Projeto Falares teve-se como resultado a publicação do artigo “Entre raios e coriscos: Estudo geolinguístico em Minas gerais nos dados do ALiB e do EALMG” (ROMANO; CRUZ, 2020) sobre as variantes lexicais para *raio*, *trovão* e *relâmpago* no território mineiro.

Além desta introdução, este estudo apresenta também sua base teórica que discuti na primeira subseção o estudo Geolinguístico no Brasil, em seguida a segunda subseção visa trazer conhecimentos sobre o Atlas Linguístico do Brasil e para finalizar o referencial é exposto uma subseção sobre a variação linguística em Minas Gerais. Na seção 3, são descritos os materiais e métodos utilizados para a pesquisa. A seção 4 apresenta a discussão dos resultados, encaminhando-se para as considerações finais e as referências.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Quando se fala em variação linguística, de início, o que vem à mente de muitas pessoas é a divisão da língua entre certo e errado ou entre o culto e o popular, porém, para a Geolinguística, as variações são o que mais chamam atenção e é sua principal fonte de estudos.

### 2.1 O estudo geolinguístico no Brasil

A Geolinguística ou Geografia Linguística é uma forma particular de se estudar as línguas. Os estudos dialetológicos, se preocupam em estudar os dialetos e já existiam antes da Geolinguística, ainda que já fosse utilizada por outros meios, a Geografia Linguística ganhou forma a partir do século XIX, com os estudos da variação diatópica (CRISTIANNI; ENCARNAÇÃO, 2006, p. 2).

No país, o estudo sobre a diversidade linguística veio ganhando importância com o passar dos anos e após a publicação de “O dialeto caipira”, de Amadeu Amaral em 1920, pôde-se dar os primeiros passos no que se diz respeito ao desenvolvimento da Geolinguística. De acordo com Cardoso (1999), esse início é marcado com trabalhos com ênfase em determinadas áreas e também descreve fatores que não focam somente em questões semânticas-lexicais, mas também com enfoque na fonética-fonologia e na morfossintaxe. Esse estudo avança com a publicação de Antenor Nascentes “Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil”, o primeiro volume publicado em 1952 e o segundo em 1961.

Outros autores como Celso Cunha e Serafim da Silva Neto também se desdobram nos estudos com a necessidade de estudar os falares brasileiros e a importância da construção do Atlas linguístico do Brasil.

Antenor Nascentes publica em 1922 a obra “O linguajar Carioca” que além de contribuir com o conhecimento do dialeto carioca vai destacar a primeira divisão dialetal do Brasil.

O falar do Norte divide-se em Amazônico e Nordeste e o falar do Sul contempla o subfalar baiano (intermediário entre os dois grupos), o sulista, o fluminense e o mineiro. Somam-se a esses subfalares uma área denominada pelo estudioso como território incaracterístico (ROMANO, 2018, p. 119).

Contudo, a Geolinguística no Brasil se concretiza com Nelsson Rossi que em 1963 vai publicar o “Atlas prévio dos falares baianos”, Rossi se torna o pioneiro na Geolinguística brasileira. O segundo Atlas Linguístico a ser publicado no Brasil é o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG), em 1977, esse projeto foi liderado pelos professores

Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Ribeiro, José Passini e Antônio Gaio que conciliaram métodos tradicionais de pesquisa Geolinguística. A partir desse atlas foi possível constatar a existência dos três falares no território mineiro conhecidos como: falar baiano, falar paulista e falar mineiro (ZAGARI, 1998).

O estudo geolinguístico está muito além de questões meramente linguísticas e a pesquisa nesse campo é mais abrangente do que se imagina, no que tange as questões sociais. Conforme descrito por Brandão:

Atrás dos falares que tinham ido estudar, os pesquisadores do APERJ encontraram algumas das faces do homem brasileiro, dessas que, perdidas na multidão, na babel de variedades lingüísticas que constitui uma língua, parecem não ter voz ou identidade. Encontraram homens conscientes de que lutar pela preservação de seu ambiente de trabalho, de sua atividade é garantir que sua personalidade individual e grupal seja respeitada (BRANDÃO, 2005, p. 369).

Assim, nota-se que a Geolinguística é uma área enriquecedora de pesquisa e que tem muito a contribuir com a formação social para além da formação acadêmica. Contudo, ainda faltam investimentos nessa área de pesquisa, na qual ainda há muitos aspectos a serem abordados. Atualmente, a Geolinguística em nosso país contribui para a construção do Atlas Linguístico do Brasil, projeto este que, de acordo com Cristianni; Encarnação:

atende aos princípios da Geolingüística e introduz controles de natureza sociolingüística. O projeto ao tempo em que prioriza a informação diatópica, prevê o controle de variáveis sociais, procurando, assim, alcançar uma visão multidimensional da Língua Portuguesa no Brasil (CRISTIANNI; ENCARNAÇÃO, 2006, p. 12).

Desse modo, é notória a importância da construção de uma Atlas Linguístico para o país, de modo que só tem a acrescentar nos estudos Geolinguísticos de forma a contribuir para a descrição da realidade linguística brasileira.

## 2.2 O projeto Atlas Linguístico do Brasil

A partir da construção do *Atlas Linguistique de la France* (1902-1910), deu-se início as construções dos atlas a nível nacional e continental e, posteriormente, observou-se a importância de se ter um atlas do nosso país e começaram então as inquietudes no que diz respeito a um Atlas Linguístico Brasileiro. A elaboração do Atlas ganhou importância com o Decreto n.º 30.643, de 20 de março de 1952, que ao definir os objetivos da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, acentuou como o principal objetivo a elaboração do Atlas Linguístico Brasileiro (CARDOSO, 2005, p. 3).

Até que se chegasse à realização do Atlas, a publicação de muitas obras, anteriores a ele, foram de fundamental importância para sua execução, dentre essas obras pode-se citar: Bases para a elaboração de um Atlas linguístico do Brasil (1958, 1961) – Antenor Nascentes, Guias para Estudos Dialetológicos (1955) – Serafim da Silva Neto e Atlas Prévio dos Falares Baianos (1963) – Nelson Rossi.

O projeto do Atlas nacional foi retomado no Seminário “Caminhos e perspectivas para a Geolinguística no Brasil”, o evento aconteceu em 1996 na Universidade Federal da Bahia e contou com a presença de pesquisadores da área da dialetologia, a partir desse encontro nasce o Projeto Atlas Linguístico no Brasil - ALiB. Descrever a realidade linguística brasileira é um dos objetivos do ALiB, na perspectiva da Geolinguística (CARDOSO; MOTTA, 2012, p. 859).

Após definir os objetivos do projeto, começou-se então a traçar sua metodologia. De acordo com Cardoso; Motta (2012, p. 860), as bases do projeto se encontram na dialetologia pluridimensional com ênfase na dimensão diatópica, mas que também abrange outras dimensões como a diageracional, diagenérica, diastrástica e diafásica. Para além dos parâmetros da Geolinguística pluridimensional contemporânea, o projeto ALiB busca unir aspectos da diatopia, no qual rege a Dialetologia desde o início e aspectos sociolinguísticos.

Com a metodologia já estabelecida, segundo Cardoso (2005) criou-se os parâmetros para pesquisa, como os critérios para rede de pontos, perfil dos informantes, questionários para aplicação e uma própria metodologia para coleta e armazenamento de dados (CARDOSO, 2005, p. 8). Assim o ALiB, busca contribuir de maneira produtiva para a Geolinguística brasileira afim de avançar nas pesquisas e alcançar seu objetivo. Ainda em desenvolvimento já foram publicados 2 volumes, em 2014, na ocasião do III CIDS, um introdutório e outro com cartas das capitais.

### **2.3 A variação linguística em Minas Gerais**

Os estudos linguísticos em Minas Gerais ainda são, de certa forma, estacionados no que se diz respeito ao desenvolvimento geolinguístico, ainda que tenha sido o segundo Estado, em ordem cronológica, a publicar seu atlas linguístico. O mineiro possui um sotaque característico que marca o seu falar. A língua falada no Estado é um instrumento peculiar de estudos tendo em vista a sua diversidade e seus aspectos associados a movimentos sócio-históricos. A pesquisa sobre o falar mineiro vem sendo documentada pela Geolinguística através do EALMG

(RIBEIRO *et al.*, 1977) e atualmente por meio do Projeto ALiB (ROMANO; SEABRA, 2017, p. 122).

Nos estudos realizados pelo professor, e um dos organizadores do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG), Mário Roberto Lobuglio Zágari, ele propõe a divisão dialetal do Estado em três diferentes falares, sendo elas: o falar baiano, o falar paulista e o falar mineiro. Podemos localizar o falar baiano no norte do Estado, onde há a predominância do abaixamento de vogais médias pretônicas. O falar paulista, localizado no Triângulo Mineiro e no sul do Estado, cujo traço fonético característico é a presença do /r/ retroflexo. O falar mineiro, “preso entre essas duas áreas que, não possuindo nenhuma das características enumeradas anteriormente, desfaz constantemente os ditongos [aj], [ej] e [ow] quando não finais e faz surgirem outros quando finais e antecidos de sibilante” (ZÁGARI, 1998, p. 34).

Autores como Rocha e Ramos (2010) tecem conteúdos no que diz respeito à dialetologia em Minas Gerais, nesses comentários afirmam que “a tripartição sustenta-se sobre os dados fonéticos, não sobre os lexicais” (ROCHA; RAMOS, 2010, p. 77). Dessa forma, a proposta apresentada por Zagari ampara os dados de caráter fonético, com base na fonética o dialeto mineiro pode ser dividido entre os três falares distintos, propostos pelo professor. Mas, o mesmo não acontece com o léxico da região mineira, que segundo Rocha e Ramos, não se encaixa na divisão proposta.

Contudo, na divisão proposta por Nascentes (1953) para o Brasil o Estado de Minas Gerais se encontra em quatro falares distintos, sendo eles: o sulista (no Sul e Triângulo Mineiro), o baiano (no norte do Estado), o fluminense (na região leste) e o propriamente mineiro (região de Belo Horizonte e adjacências) (ROMANO; SEABRA, 2017, p.121). Desse modo, observa-se que a Geolinguística mineira está em construção e por isso, por meio deste e de outros estudos, busca-se colaborar para a descrição do léxico de Minas Gerais.

O “sotaque” mineiro ainda gera muitas especulações, inúmeras vezes ele é relacionado ao falar caipira devido ao grande uso de interjeições e pela redução dos vocábulos. A língua falada no Estado apresenta um traço peculiar do português brasileiro (ROMANO; SEABRA, 2017, p.112).

### 3. MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo geolinguístico utiliza dados reunidos para a construção do Atlas Linguístico do Brasil. Os dados foram coletados em 23 cidades mineiras, podemos identificá-las no quadro 1, e foram selecionados quatro informantes em cada uma (dois homens e duas mulheres), os

respondentes de cada localidade abrangem duas faixas etárias: faixa I, de 18 a 30 anos; e faixa II, de 50 a 65 anos, no quadro 2 encontra-se a quantidade e o perfil de cada um. As entrevistas realizadas passaram pelo processo de transcrição, revisão e levantamento de dados.

Quadro 1 – Identificação da rede de pontos do ALiB em Minas Gerais

Nº do Ponto	Nome da Localidade
127	Januária
128	Janaúba
129	Pedra Azul
130	Unaí
131	Montes Claros
132	Pirapora
133	Teófilo Otoni
134	Diamantina
135	Uberlândia
136	Patos de Minas
137	Campina Verde
138	Belo Horizonte
139	Ipatinga
140	Passos
141	Formiga
142	Ouro Preto
143	Viçosa
144	Lavras
145	São João del Rei
146	Muriaé
147	Poços de Caldas
148	Juiz de Fora
149	Itajubá

Fonte: Cardoso *et al.* (2013, p. 132)

Quadro 2 – Distribuição dos informantes conforme as variáveis sexo e faixa etária

<b>Homem</b>	Faixa I	23 informantes
	Faixa II	23 informantes
<b>Mulher</b>	Faixa I	23 informantes
	Faixa II	23 informantes
<b>Total</b>		93

Fonte: Cardoso *et al.* (2014a)

Para este estudo foram selecionadas duas questões uma da área semântica dos fenômenos atmosféricos e outra da área semântica astros e tempo ambas do questionário semântico lexical do Projeto ALiB, em diferentes localidades e, para análise, foram escolhidas

as questões: QSL 017 – Arco – íris; QSL 031 – Estrela Cadente (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001).

Este estudo realizou um tratamento geolinguístico a partir de cartas linguísticas para discutir a variação lexical no território de Minas Gerais. Os resultados são comparados aos dados disponíveis no EALMG. Esse trabalho iniciou-se com a publicação do artigo “Entre raios e coriscos: Estudo geolinguístico em Minas gerais nos dados do ALiB e do EALMG” (ROMANO; CRUZ, 2020), como resultado de um projeto de iniciação científica voluntária. O texto tratou das variantes lexicais para *raio*, *trovão* e *relâmpago*. Assim, neste estudo, busca-se continuar a pesquisa com foco nas variantes *estrela cadente* e *arco íris*.

O levantamento de dados ocorreu através da consulta ao banco de dados do projeto ALiB (entrevistas, áudios e transcrições). As respostas obtidas foram esquematizadas em uma planilha Excel e, após, as informações foram inseridas no programa SGVCLin® – Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014) que disponibilizou relatórios com os dados gerais e separados por idade e sexo dos informantes, além dos relatórios o programa forneceu também as cartas linguísticas geradas pelo SGVCLin com base nos levantamentos. As cartas geradas foram da tipologia diatópica por produtividade em cada ponto e a de arealidade.

Os questionários do ALiB (2001) abarcam diferentes aspectos linguísticos, sendo eles: o Fonético-Fonológico (QFF), o Semântico Lexical (QSL) e o Morfossintático (QMS). Para este trabalho as questões analisadas se encontram entre as questões de caráter lexical. O QSL (Questionário Semântico-lexical do Projeto ALiB) divide-se em 14 áreas semânticas e compõe-se de 202 questões. A área semântica *Fenômenos Atmosféricos* é formada por 15 questões, das quais selecionou-se para este estudo a questão 017 – Arco-íris. A segunda questão de estudo é a 031 – Estrela cadente, e está dentre a área semântica *Astros e Tempo*. Essa área é composta, ao todo, por 17 questões do QSL.

Dessa forma, observa-se que o projeto ALiB se enquadra na atual dialetologia mundial, na abordagem pluridimensional, unindo variáveis sociais à dimensão diatópica, sendo assim ele se torna um Atlas urbano e pluridimensional. Em contra partida, o EALMG é um Atlas monodimensional que não ultrapassa os limites de análise diatópica, mas com intenção de se adentrar aos “veios sociolinguísticos” (CARDOSO, 2010). Na próxima seção serão apresentadas a descrição e a comparação entre o ALiB e o EALMG e análise do *corpora*.

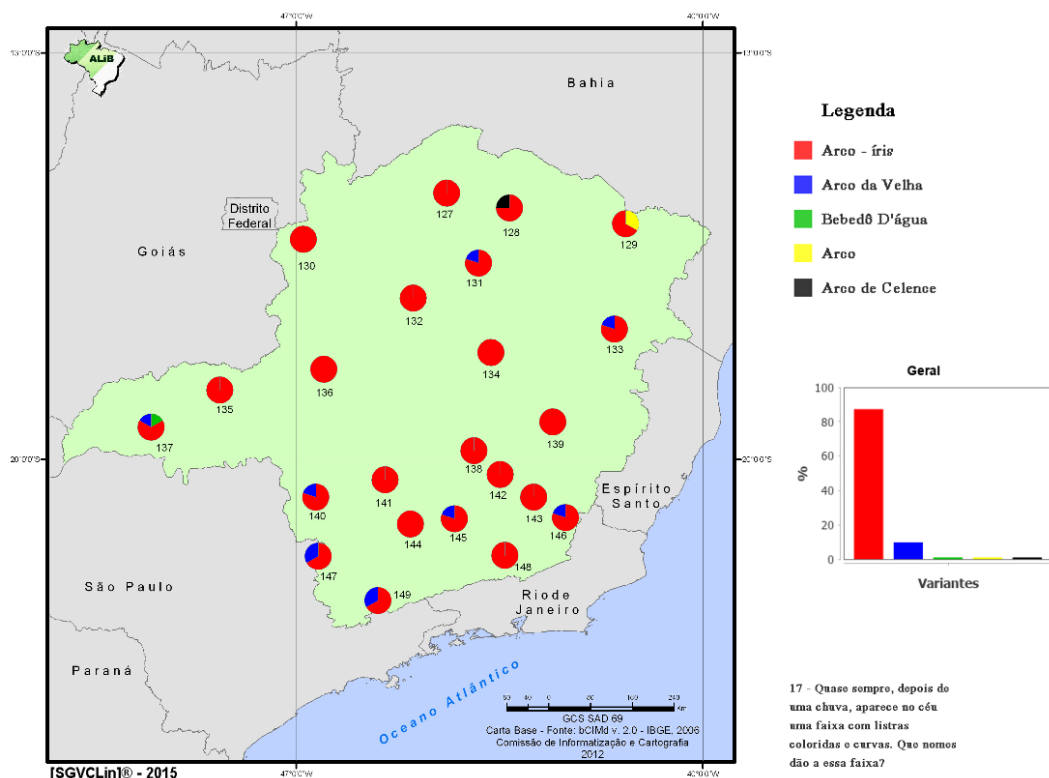
#### 4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção é apresentada a discussão dos resultados obtidos nos *corpora* analisados e subdivide-se em duas subseções: a primeira tratará as variantes encontradas para a questão 17 do QSL, e a segunda os resultados obtidos para a questão 31 do QSL, ambas apresentarão os dados coletados no EALMG realizando uma comparação entre os dados obtidos pelo ALiB e os coletados pelo EALMG.

##### 4.1 Arco – íris

A questão 17 do QSL – *Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas. Que nomes dão a essa faixa?* - no corpus do ALiB, apresentou 102 ocorrências, divididas entre cinco variantes, sendo elas: *Arco – íris*, *Arco da velha*, *Arco de celene*, *Bebedô D'água* e *Arco*. Na figura 1 encontra-se a distribuição diatópica desses itens lexicais.

Figura 1 – Carta Linguística para a questão 17 do QSL



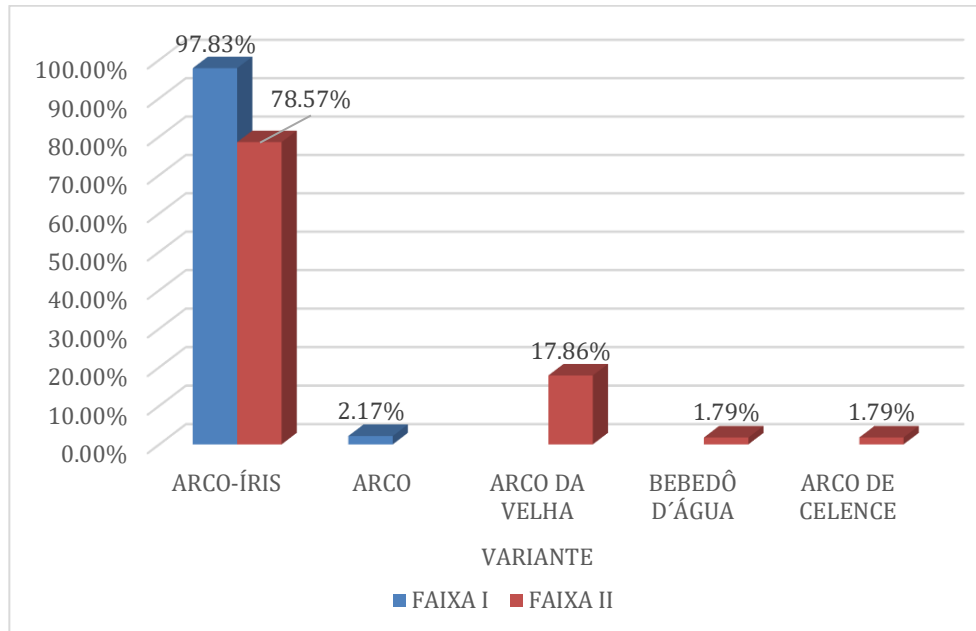
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – carta linguística experimental elaborada *ad hoc* no SGVCLin®

A variante de maior recorrência, sendo assim a mais produtiva, é *arco-íris*, presente em todos os pontos linguísticos (89 registros), podemos encontrá-la em ao menos dois informantes por ponto representado assim 87,25%. Dessa forma, nota-se que a variante é recorrente em todo



território mineiro. Observa-se também que a forma ocorre com mais frequência nos informantes da faixa I, representando 97,83% do total, como se pode ver no gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Distribuição diageracional das variantes lexicais para a questão 17 do QSL

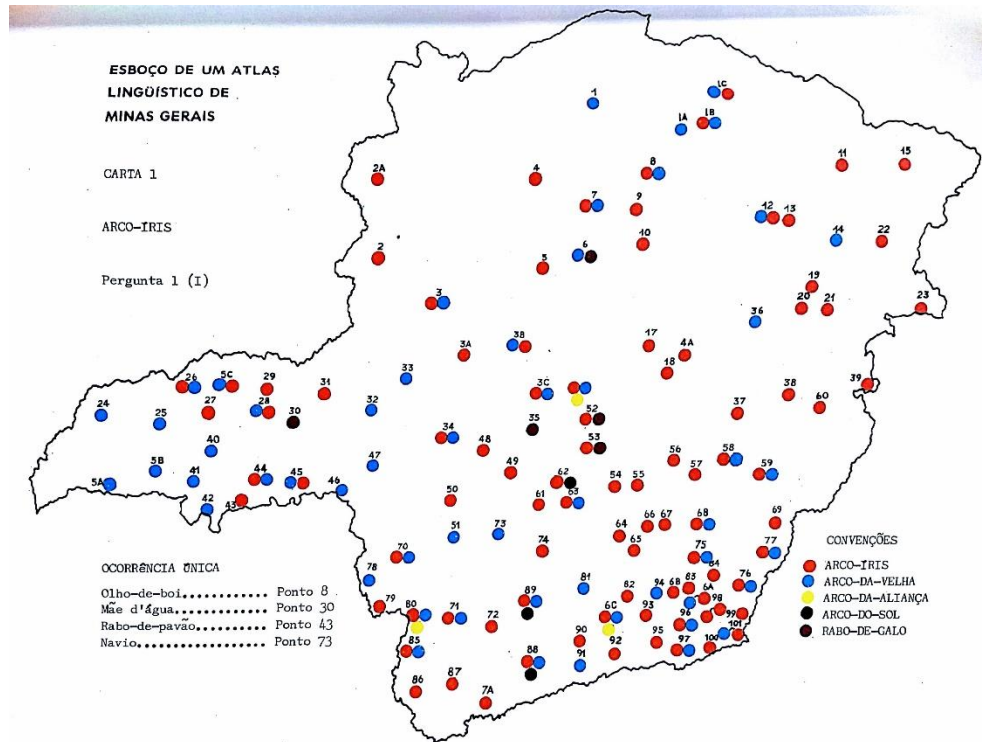


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB –Relatório do SGVCLin®

O termo “arco-íris” tem sua etimologia advinda da junção de arco + íris, o vocábulo arco vêm do latim *arcus* se referenciando aos arcos de disparar flechas e íris, procedendo do latim *íris*, sobre a raiz no grego *îris*, que se refere à deusa do Olimpo. (VESCHI, 2019). No *Mini Dicionário Aurélio* a variante é denominada como: fenômeno resultante da dispersão de luz solar em gotículas de água suspensas no ar, e que se mostra como um conjunto de arcos coloridos (FERREIRA, 2001, p.64).

Na pesquisa realizada por Zágari para a construção do EALMG também é notável a produtividade do item lexical “Arco-íris”, como presente na figura 2, carta lexical 1 do esboço do atlas de Minas Gerais, a variante está presente em todo o território mineiro, em especial no sul do Estado.

Figura 2 - Carta Lexical 1 do EALMG



Fonte: EALMG (Ribeiro *et al.* 1977)

A segunda variante mais utilizada que se apresenta no EALMG é *arco da velha*. Nos dados do ALiB, essa variante revela uma variação diageracional, devido ao fato de estar presente de maneira exclusiva nos informantes da faixa II. Ao todo, no corpus do ALiB, 10 informantes apresentaram essa variante lexical, como podemos ver nos exemplos das transcrições *ipsis litteris*:

Informante 3 de Muriaé (146/3):

INF: Arco - íris

INQ: Já ouviu outro nome? Não? Arco da Velha

INF: Já, arco da velha já

INQ: E quem falava?

INF: Ah, os mais velhos, meus avôs

INQ: Eles contavam alguma história?

INF: Ah eles falavam que se mulher passasse vira homem, coisas assim.

Informante 4 de Poços de Caldas (147/4):

INF.- O arco-íris?

INQ.- Isso, tem um nome mais antigo, que você tem ouvido?

INF.- Não.

*INQ.- Os avós falavam.*

*INF.- Arco da velha, será que seria isso?*

*INQ.- Arco da velha?*

*INF.- Arco da velha.*

*INQ.- É? Quem você lembra que falava?*

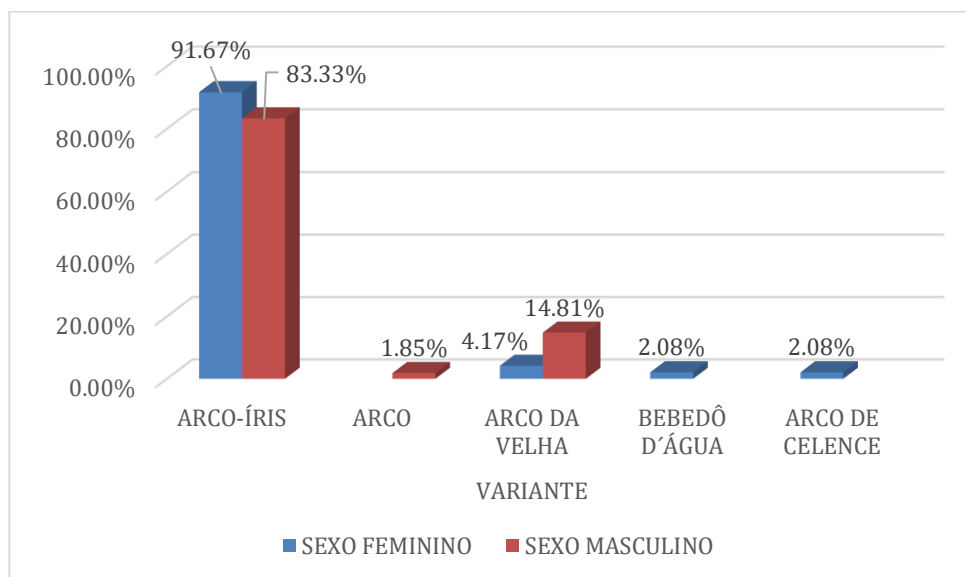
*INF.- Minha vó.*

*INQ.- Ela contava alguma história?*

*INF.- Eu num me lembro muito dela, porque eu era pequena, certo? Mas a turma falava, que a vó falava que era arco da velha.*

A ocorrência do Item lexical *arco da velha* foi mais representativa no sexo masculino, ao todo 8 informantes homens responderam arco da velha para a questão, enquanto 2 informantes mulheres apresentaram essa mesma resposta, podemos ver esse fato representado no gráfico 2:

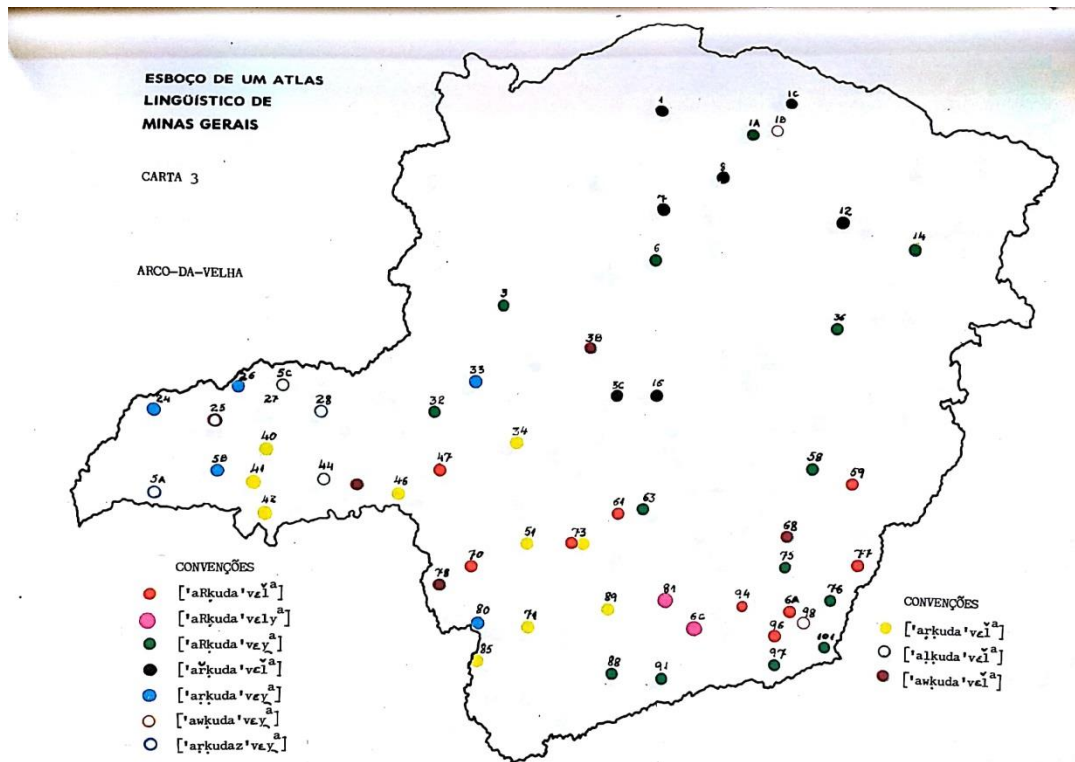
Gráfico 2 – Distribuição das variantes lexicais para a questão 17 do QSL segundo a variável sexo.



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB –Relatório do SGVCLin®

No EALMG a variante “Arco da Velha”, também é a 2ª variante de maior ocorrência, sendo menos produtiva apenas no Norte de Minas, podendo perceber esse fato na carta lexical presente na figura 3. Nas pesquisas para o ALiB, como descrito na figura 1, atualmente essa variante também não é recorrente no Norte, e ocorre com maior frequência no Sul do Estado.

Figura 3 - Carta Lexical 3 do EALMG



Fonte: EALMG (Ribeiro *et al.* 1977)

A variante *Bebedô D'água* não é produtiva pois esteve presente apenas uma vez em Campina Verde (137/4), essa variante ilustra uma variação diageracional, assim como a variante fraseológica *Bedendo água lá no rio* que também aparece apenas uma única vez no informante 4 de Lavras (144/4). Nota-se que ambas variações estão presentes em informantes da faixa II e homens, como pode-se ver no exemplo:

Informante 4 de Campina Verde (137/4):

*INF.* - O Arco-íris.

*A propósito da retomada:*

*INQ.* - Você já falou, mas você disse que ia lembrar do outro nome, aquilo que depois da chuva, né, dá assim tipo...

*INF.* - Arco-íris, tinha um, bebedô, bebedô, bebedô d'água, acho que era bebedô sim, bebedô, que eis falava: "ó o bebedô d'água, tá bebendo lá num no córgo da Manga, vai despejá lá no rio Verde.

Informante 4 de Lavras (144/4):

*INF.* - Arco-íris.

*INQ.* - Tem um nome mais antigo?

*INF.- É ..... Aqui a gente chama de arco-íris ou então tá bebendo água lá no rio.*

Variantes como *Arco da Aliança*, *Arco do Sol* e *Rabo de Galo*, presentes no EALMG, não estão mais presentes no Estado mineiro e não são apresentadas pelos informantes do ALiB como variante para o item *Arco -Iris*. Mas, surgiram novas variantes como *Arco de Celene*, *Arco* e *Bebedô d'água*, contudo são pouco produtivas.

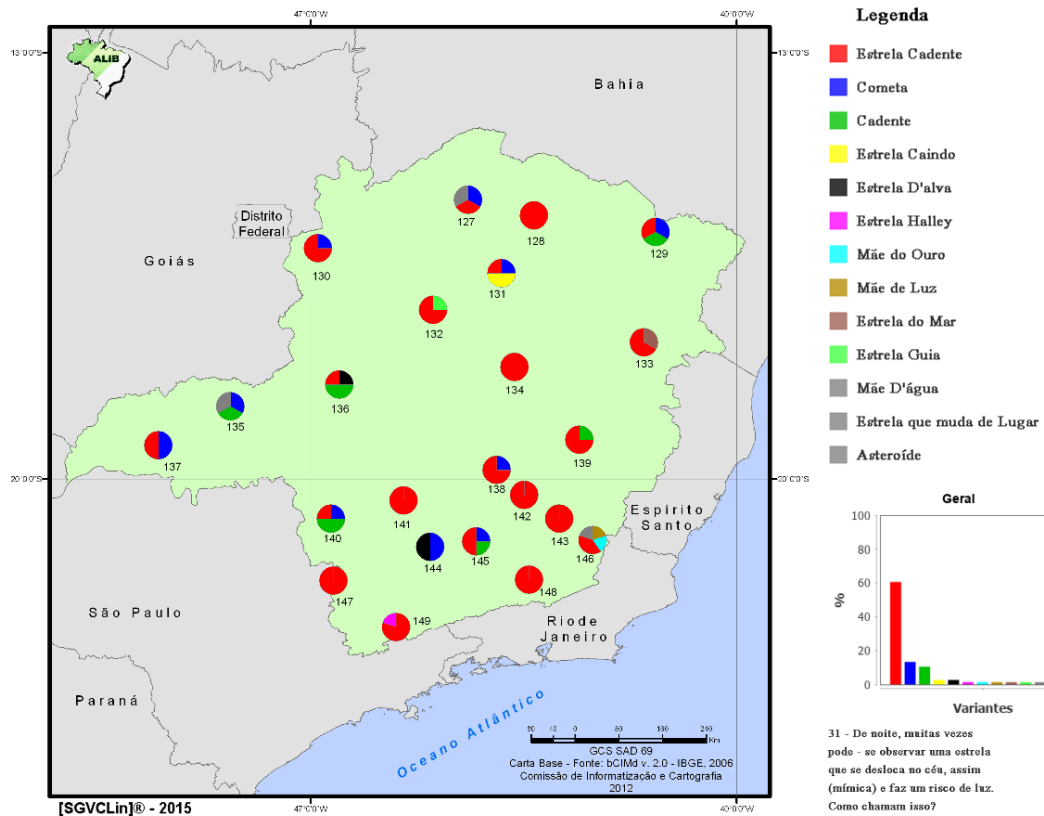
Apenas um informante se absteve em relação a resposta, a ocorrência esteve presente no ponto linguístico 129 – Pedra Azul, no informante 4. As demais formas, que são menos produtivas, estão presentes em:

- Janaúba (ponto 128) – *Arco de Celence*;
- Pedra Azul (ponto 129) - *Arco*;
- Campina Verde (ponto 137) – *Bebedô d'água*
- Lavras (ponto 144) – *Bebendo água lá no rio*

#### 4.2 Estrela Cadente

A questão 31 do QSL – *De noite, muitas vezes pode - se observar uma estrela que se desloca no céu, assim (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?* - no corpus do ALiB, apresentou 76 ocorrências e foram documentadas 13 variantes, sendo elas: *Estrela Cadente*, *Cometa*, *Cadente*, *Estrela caindo*, *Estrela D'alva*, *Estrela guia*, *Estrela que muda de lugar*, *Mãe do ouro*, *Mãe D'água*, *Estrela do Mar*, *Mãe de luz*, *Estrela Halley* e *Asteroide*. Na figura 4, pode-se observar distribuição diatópica dessas formas representada no mapa.

Figura 4 – Carta Linguística para a questão 131 do SQL



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – carta linguística experimental elaborada ad hoc no SGVCLin®

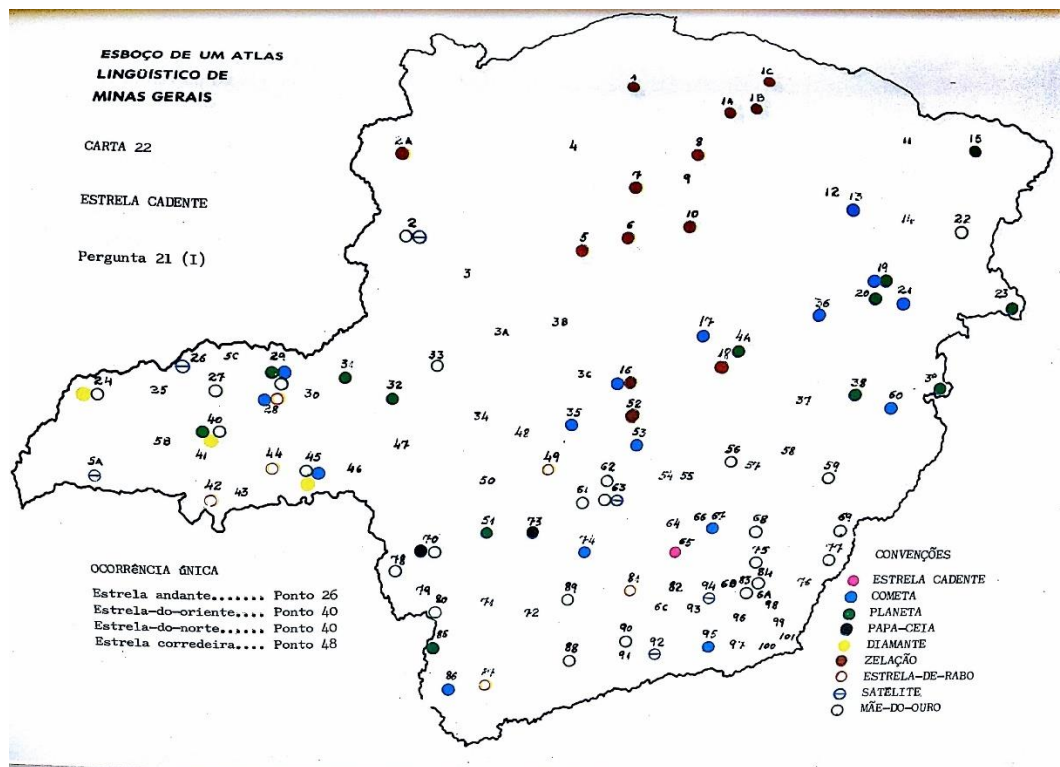
*Estrela Cadente* é variante lexical mais produtiva, representando 60,53%, ao menos um informante em cada ponto denominou o item 31 do QSL como “*Estrela Cadente*”, a não ser no ponto 135 que corresponde ao município de Uberlândia e no ponto linguístico 144 – Lavras em que nenhum dos quatro informantes respondeu *Estrela Cadente* para a questão 31. Vale ressaltar que a variante teve uma maior ocorrência entre os informantes da faixa I, ocorrendo 32 vezes, do que entre os informantes da faixa II, ocorrendo 15 vezes. É notável que entre os mais jovens o mais comum é denominar esse fenômeno da natureza como “estrela cadente”.

A expressão *Estrela Cadente* é oriunda da junção dos termos estrela + cadente, o substantivo estrela tem sua origem do latim *stella.ae* e seu significado no *Mini Dicionário Aurélio* é “Meteorito que se torna incandescente ao atravessar a atmosfera” (FERREIRA, 2001, p.321). O vocábulo cadente também tem sua origem no latim *cadens, entis*. Um dos significados desse adjetivo, no *Mini Dicionário Aurélio* é “1. Que cai 2. Cadenciado (que tem cadência, cadente)” (FERREIRA, 2001, p.126). Ao analisarmos a etimologia do termo “estrela cadente” notamos que se enquadra nas explicações dadas pelos informantes durante as entrevistas, e se assemelha também a variação *Estrela Caindo* mencionada pelo informante 1

do ponto linguístico 131 – Montes Claros tendo em vista o significado de candente como “que cai”.

No entanto apesar de para os estudos do ALiB a variante *Estrela Cadente* tenha sido a mais produtiva, o cenário no EALMG foi diferente, tendo em vista que nele o item lexical aparece apenas no ponto 65, como pode-se ver na carta lexical 22, na figura 5. A produtividade da variante foi aumentando com o passar dos anos e se tornando mais recorrente.

Figura 5 - Carta Lexical 22 do EALMG



Fonte: EALMG (Ribeiro *et al.* 1977)

Representado 13,16% das ocorrências a variante *Cometa* aparece em nove pontos linguísticos, sendo eles: Januária (127/1), na região do Médio São Francisco; Pedra Azul (129/4), nordeste de Minas; Unaí (130/3), noroeste mineiro; Montes Claros (131/4), norte do Estado; Uberlândia (135/1); Campina Verde (137/1), cidades localizadas no triângulo mineiro; Belo Horizonte (138/1), região metropolitana; Lavras (144/3), sul de Minas Gerais e São João Del Rei (145/3) na região do campo das vertentes. Em sua maioria, a variante é utilizada pelos informantes da faixa II ocorrendo 6 vezes, enquanto na faixa I ela ocorreu 4 vezes.

A variante *Cometa* também esteve presente no EALMG, em 16 pontos linguísticos, quase que no dobro de pontos linguísticos do que na pesquisa para o ALiB, percebe-se que a variante *cometa* era muito mais recorrente que a variante *Estrela Cadente*.

*Cadente* é a 3ª variante produtiva, representando 10,53% ocorrendo 8 vezes, mais presente na faixa I (5 ocorrências). Assim como a variação *Estrela Cadente*, a forma *Cadente* também carrega muitas histórias, entre as mais comuns é que a estrela realiza desejos, como podemos ver nos exemplos:

Informante 1 de Ipatinga (139/1):

*INF: Estrela Cadente.*

*INQ: E o que que eles falam?*

*INF: Eles falam se fazer um pedido ele pode ser realizado.*

Informante 2 de Ipatinga (139/2):

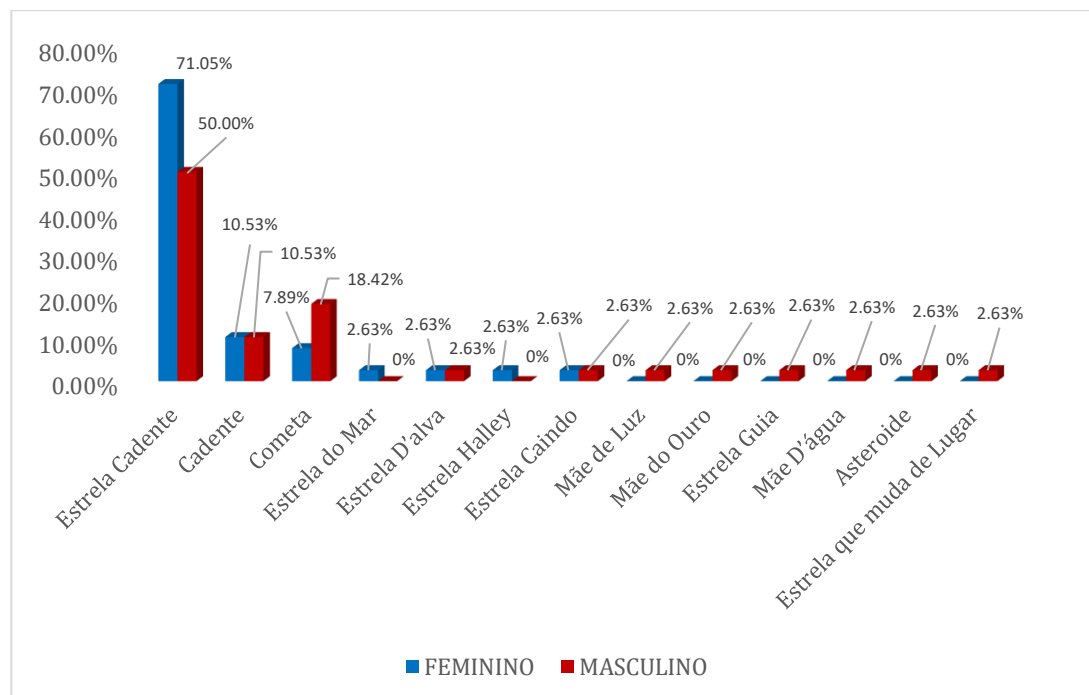
*INF: Cadente né?*

*INQ: E o que que eles falam que a gente pode fazer?*

*INF: Um pedido né.*

Os gráficos 3 e 4 trazem dados quantitativos acerca da produtividade dessas variantes.

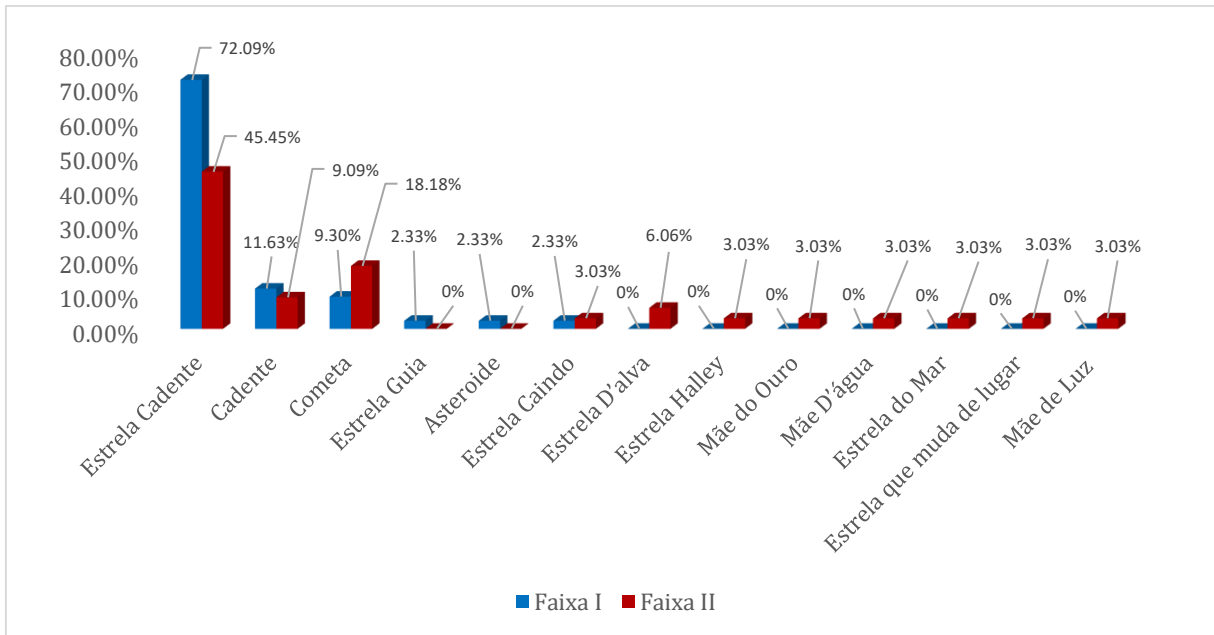
Gráfico 3 – Produtividade das variantes para a questão 31 do QSL segundo faixa etária:



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatório do SGVCLin®

Gráfico 4 – Produtividade das variantes para a questão 31 do QSL segundo sexo:





Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatório do SGVCLin®

*Mãe do ouro, Mãe D'água, Mãe de luz* ilustram uma variação diageracional do fenômeno atmosférico, tendo em vista que estão presentes nos informantes da faixa II e homens, as três variantes foram apresentadas pelo informante 3 de Muriaé (146/3), como podemos ver no exemplo:

Informante 3 de Muriaé (146/3):

*INF: Ah uns chamam mãe d'água, mãe de luz... mãe do ouro.*

*INQ: E tem alguma lenda, alguma história? Fazer algum pedido?*

*INF: Não, eles só falam que pode fazer um pedido.*

Variantes como *Papa Ceia, Diamante, Estrela do Rabo, Satélite, Zelação e Planeta* não são mais produtivas, estavam presentes no EALMG e não se encontram mais no ALiB, portanto, houve mudanças na distribuição lexical do Estado para os designativos da Estrela Cadente.

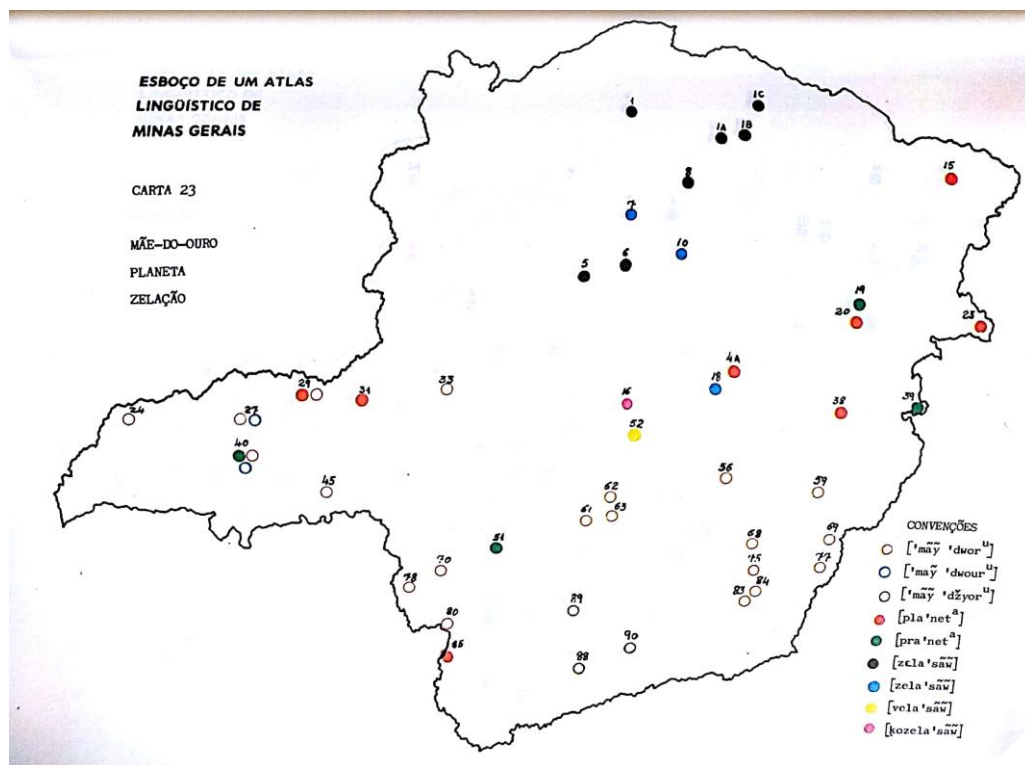
As demais formas, que são menos produtivas no ALiB, estão presentes em:

- Januária (ponto 127) – *Estrela que muda de lugar*;
- Montes Claros (ponto 131) – *Estrela Caindo*;
- Pirapora (ponto 132) – *Estrela Guia*;
- Teófilo Otoni (ponto 133) – *Estrela do Mar*;
- Uberlândia (ponto 135) – *Asteroide*;
- Patos de Minas (ponto 136) - *Estrela d'alva*

- Lavras (ponto 144) – *Meteoro*;
- Muriaé (ponto 146) - *Mãe d'água, Mãe de luz, Mãe do ouro*;
- Itajubá (ponto 1490 – *Estrela Halley*.

Diante do exposto, nota-se que a variação *Mãe do Ouro* foi muito mais recorrente nas pesquisas do EALMG do que na realizada para o ALiB, que apareceu apenas uma vez no ponto linguístico de Muriaé. Para exemplificar esse fato, pode-se observar a carta linguística 23 abaixo:

Figura 6 – Carta Lexical 23 do EALMG



Fonte: EALMG (Ribeiro *et al* 1977)

Vinte e um informantes não souberam ou não lembraram e essas ocorrências apareceram nos pontos: 127/4, 128/1, 128/3, 129/3, 131/3, 133/3, 134/2, 134/3, 134/4, 135/3, 135/4, 137/3, 137/4, 141/3, 142/3, 143/3, 143/4, 144/1, 144/2, 144/4, 146/4. Dessa forma, conclui-se que as abstenções ocorreram, em sua maioria, nos informantes da faixa II.

## 5. CONCLUSÃO

Este estudo revela um processo de mudança linguística em progresso. Haja vista que há variantes que não são mais encontradas para estrela cadente e arco-íris, e também variantes que estão apenas na fala de pessoas mais velhas (ALiB) e que antes (EALMG) eram mais recorrentes. Ou seja, essas variantes tendem a se desaparecerem no léxico dos mineiros. Assim, contata-se que os atlas linguísticos são fontes para registro de formas populares que podem não ser mais utilizadas no futuro.

Os estudos geolinguísticos são de extrema importância para a descrição da língua falada, tendo em vista que, abriu caminhos para uma análise linguística sob a perspectiva pluridimensional, de modo que possibilita estudos voltados para a variação diatópica ou espacial (regional), diastrática (social), diagenérica (sexo), diageracional (faixa etária) (ALENCAR, 2011). Dessa forma, o crescimento dos estudos geolinguísticos contribuiu de maneira acentuada com a construção dos atlas linguísticos que, buscam descrever a realidade linguística de um município, de uma região, de um Estado, de um país. Os atlas linguísticos são como a fotografia espacial da distribuição geográfica de uma língua, mas, pelas tendências atuais, também é uma forma de registrar variações linguísticas que extrapolam meramente diatópico

O Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG) fornece base para estudos comparativos com o ALiB e vale ressaltar que o EALMG é um Atlas de âmbito rural, enquanto o ALiB é um Atlas de âmbito urbano.

No EALMG, para o item lexical “Arco íris”, a variante *arco da velha* era a segunda de maior ocorrência, já no ALiB, essa variante já não é mais produtiva e está presente apenas na fala dos informantes da faixa II e variantes como *Arco da Aliança*, *Arco do Sol* e *Rabo de Galo*, que eram encontradas no EALMG não estão mais presentes nos dados do Projeto ALiB referentes ao Estado mineiro.

Ao analisar a variante *Estrela Cadente* nota-se que no EALMG ela não era produtiva, diferentemente no ALiB que é a variante de maior recorrência, distribuída em todo Estado mineiro, e com maior ocorrência na fala dos mais jovens, informantes da faixa I. No entanto, variantes como *Papa Ceia*, *Diamante*, *Estrela do Rabo*, *Satélite*, *Zelação* e *Planeta* estavam presentes no EALMG e no ALiB já não aparecem mais.

Os designativos para *Estrela Cadente*, *Estrela Halley*, *Mãe do Ouro*, *Mãe D’água*, *Estrela do Mar*, *Estrela que Muda de Lugar*, *Mãe de Luz*, que estão presentes nos estudos

realizados para o ALiB, aparecem apenas nos informantes da faixa II, nos mais jovens essas denominações não são conhecidas.

Através do estudo realizado é possível notar, sob a perspectiva diatópica e pluridimensional, uma variação diageracional. As formas linguísticas utilizadas pelas pessoas mais velhas deixarão de existir e estarão representadas apenas nos atlas linguísticos. É possível observar que no EALMG a produtividade dessas variantes era maior, quando comparadas com os dados obtidos, atualmente, pelo ALiB. Ressalte-se, porém, que este estudo é uma primeira abordagem que carece, claro, de aprofundamento quanto à análise da motivação sígnica das formas variantes, buscando-se, desse modo, verificar na fala dos informantes bem como em fontes lexicográficas, as motivações de determinadas variantes lexicais, como por exemplo, *Papa Ceia*, *Arco da Velha*, *Zelação*. Fica, portanto, como encaminhamentos para trabalhos futuros.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005.

ALENCAR, Maria Silvana Militão de. **Panorâmica dos estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil**. Rev. de Letras - Vol. 30 -2011.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A história e as contribuições de um projeto na linha Geolinguística**. In.: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2005, p. 357 – 370.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Questionários 2001**. Londrina: Eduel, 2001.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra Andrade. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual**. Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto), v. 56, p. 855-870, 2012.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **O Atlas Linguístico do Brasil: de “nascituro” a “adolescente”**. In.: AGUILERA, Vanderci de Andrade. *A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, p. 3-12, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A dialectologia no Brasil: perspectivas**. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 15, n. SPE, p. 233-255, 1999.

CRISTIANINI, Adriana Cristina; ENCARNAÇÃO, Márcia Regina Teixeira da. **De Antenor Nascentes ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil-ALiB: conquistas da Geolinguística no Brasil**. Letra Magna-Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura-Ano, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**. 5. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LENDAS, e Mitos. **Astéria - Deusa Titã Das Estrelas**. Mitologia Grega <<https://www.mitoselendas.com.br/2020/03/asteria-deusa-tita-das-estrelas.html>> acessado em 07/03/2022.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953

OPTICA, Laboratório. **Arco-íris**. 2022. Instituto de Física "Gleb Wataghin" – UNICAMP. Disponível em <<https://sites.ifi.unicamp.br/laboptica/curiosidades-2/arco-iris/>> acessado em 07/03/2022.

RIBEIRO, J. et al. **Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa/UFJF, 1977. v.1.

ROCHA, Ana Paula Antunes.; RAMOS, Jânia Martins. **Estudos dialetais em Minas Gerais**. Estudos lingüísticos e literários, Salvador, n. 41, p. 70-86, jan./jun. 2010.

ROMANO, Valter Pereira. **Balanco crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão**. Entretextos, v. 13, n. 2, 2013.

ROMANO, Valter Pereira. **Percursos historiográfico e metodológico da Geolinguística**. Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens-UFMS, v. 18, n. 35, p. 135-153, 2014.

ROMANO, Valter Pereira. **Áreas lexicais brasileiras: um novo olhar sobre a proposta de Antenor Nascentes nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Lingüística, v. 34, n. 1, p. 113-143, 2018.

ROMANO, Valter Pereira; SEABRA, Rodrigo Duarte. **Do presente para o passado: a variação lexical em Minas Gerais a partir de corpora geolinguísticos sobre brinquedos infantis**. Revista de Estudos da Linguagem, v. 25, n. 1, p. 111-150, 2017.

ROMANO, Valter P.; CRUZ, Juliana A. **Entre raios e coriscos: Estudo geolinguístico em Minas Gerais nos dados do ALiB e do EALMG**. Web Revista SOCIODIALETO, v. 10, n. 30 SER. 1, p. 274-300, 2020.

SILVA, José Pereira da. **Geografia Linguística: especialmente luso-brasileira e românica**. Informações disponíveis na Internet organizadas por José Pereira da Silva. Disponível em <[http://www.filologia.org.br/pereira/textos/geografia\\_linguistica.pdf](http://www.filologia.org.br/pereira/textos/geografia_linguistica.pdf)> acessado em 05/03/2022.

VESCHI, Benjamin. **Etimologia de arco – íris**. 2019. Disponível em <<https://etimologia.com.br/arco-iris/>> acessado em 03/09/2021.

ZAGARI, J. R. L. **Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. In.: AGUILERA, Vanderci de Andrade. A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas. Londrina: EDUEL, 1998, p.31-54.

ZAGARI, J. R. L. **Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. In.: AGUILERA, Vanderci de Andrade. A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: EDUEL, 2005, p.46-72.